

Kant na transversal da obra de Foucault

Filipa Silveira | Universidade Federal de Lavras

Michel Foucault, *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*.

Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

Publicada pela primeira vez em 2008, pela editora Vrin, *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant* consiste na introdução a uma tradução para o francês da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de Kant, trabalho apresentado por Foucault, em 1961, como tese complementar à *História da Loucura*, para a obtenção do *Doctorat des Lettres* na Sorbonne. Esse material, que permaneceu inédito por quase quarenta anos, encontrava-se disponível apenas para os que tivessem acesso ao original (conhecido entre os poucos pesquisadores que a ele tiveram acesso como *Tese Complementar*), um datiloscrito depositado na Biblioteca da Sorbonne, mantido também como arquivo na Biblioteca do Saulchoir em Paris, entre 1966 e 1988, e depois transferido para o Instituto Memória da Edição Contemporânea (IMEC), em Caen, em 1998.

De acordo com os organizadores do volume francês, que também apresentam o texto (Daniel Defert, François Ewald e Frédéric Gros), não era costume, na época de Foucault, a publicação da tese complementar. Além disso, os membros da banca julgaram haver ali algo que em muito ultrapassava os limites de uma mera introdução, não só em virtude da quantidade de páginas – 128 –, como também pelos avançados desdobramentos interpretativos da obra de Kant. Foi assim que em 1964 a Vrin publicou apenas a tradução, precedida por uma curta “notice historique”, que anunciava, em poucas páginas, o contexto geral de composição, modificação e redação definitiva do texto da *Antropologia*, surgido

na Alemanha em 1798. Esta notícia histórica continha a primeira parte da *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*, com algumas alterações, das quais a mais importante é o fato de faltar ali justamente o parágrafo em que se enuncia a hipótese levantada: a de que haveria relações entre a *Antropologia* e a Filosofia Crítica, sob as quais repousaria uma “imagem concreta do homem”.

Na introdução de Foucault encontra-se, além de uma exposição detalhada das circunstâncias envolvendo a publicação do texto da *Antropologia* de Kant em 1798 (versão definitiva de um curso que ele vinha ministrando na universidade de Königsberg desde a década de 1770), a tese acerca da existência de uma “verdade crítica”, cisão do homem, que atravessaria de ponta a ponta a obra de Kant, e cuja chave de compreensão estaria na investigação de determinadas relações antropológico-críticas. Com efeito, trata-se de bem mais que uma simples introdução.

A *Antropologia de um ponto de vista pragmático* de Kant surgiu em português em 2006 (tradução de Clélia Martins, São Paulo: Iluminuras). A introdução de Foucault veio a lume cinco anos depois, em 2011 (São Paulo: Loyola). Diferentemente da edição francesa, que traz o texto de Kant e é intitulada *Anthropologie d'un point de vue pragmatique & Introduction à l'Anthropologie*, a edição brasileira opta, numa escolha feliz, pelo que na verdade é o subtítulo do manuscrito, *Genèse et structure de l'anthropologie de Kant*, que evoca diretamente o estudo clássico de Jean Hyppolite sobre Hegel, *Génèse et structure de la phénoménologie de l'esprit* (1954). A homenagem é justa, tendo em vista que Hyppolite foi membro do júri de tese de Foucault e marcou profundamente o desenvolvimento inicial de seu pensamento.

Na apresentação da versão em português, os tradutores Márcio da Fonseca e Salma Thannus Muchail ressaltam que o acesso amplo dos leitores de Foucault a esse texto representa muito mais do que a possibilidade de travar contato com um material antigo e ultrapassado, pois a Introdução diz respeito a desenvolvimentos ulteriores da obra do autor:

Não é sem surpresas que o leitor da *Tese Complementar* nela descortina todo um horizonte prospectivo da obra foucaultiana. Percebe, por exemplo, que será aquele estudo inicial sobre Kant que se ampliará nos conteúdos dos capítulos finais de *As palavras e as coisas* (1966), desembocando na passagem – decisiva para o pensamento moderno – do sujeito cognoscente da tradição cartesiana ao complexo empírico e transcendental kantiano, cognoscente e também cognoscível, subjetivável e objetivável. Para lembrar um exemplo mais recente, o texto de Foucault sobre o de Kant *O que é o Esclarecimento* (1983) recolocará, agora no final da trajetória foucaultiana, a mesma proposta que Kant colocava desde o “Prefácio” de sua *Antropologia*: investigar o que no homem, como ser livre, faz, pode ou deve fazer de si mesmo (Foucault, 2011, pp. 11-12).

Com efeito, o evento do “duplo empírico-transcendental”, anunciado em *As palavras e as coisas*, assim como no retorno de Foucault a Kant na década de 1980, já sob outra ótica, permitem situar a *Tese Complementar*, como fazem os tradutores, numa espécie de transversal, que perpassaria a obra de Foucault como um todo. Mas pode-se também atribuir semelhante posição ao modo como Foucault compreende a *Antropologia* no conjunto da obra de Kant.

A *Tese Complementar*, que aborda com desenvoltura os temas kantianos, é de uma escrita minuciosa e objetiva, revelando traços de método e vocabulário que antecipam o olhar que Foucault dirigirá ao exame das formações do saber, mais tarde denominado *arqueologia dos saberes*. Nessa perspectiva, têm grande valor as “sedimentações”, “camadas” e “deslizes” do texto de Kant, que fariam parte do seu processo de formação e modificação no decorrer do tempo, passíveis de leitura a partir de uma “geologia profunda” (Foucault, 2011, p. 17).

A primeira parte enuncia a hipótese de leitura através de interrogações sobre possíveis relações de mútua implicação entre os problemas antropológicos e os da Filosofia Crítica:

Haveria desde 1772, e subsistindo talvez no fundo da Crítica, certa imagem concreta do homem que nenhuma elaboração filosófica alterou no essencial, e que se formula enfim sem maiores modificações no último dos textos publicados por Kant? E se esta imagem do homem pôde abarcar a experiência crítica, sem por isso desfigurar-se, não seria talvez porque ela, até certo ponto, se não a organizou e comandou, ao menos guiou, e como que secretamente orientou? Da Crítica à Antropologia haveria uma espécie de relação de finalidade obscura e obstinada. Mas pode ser também que a Antropologia tenha sido modificada em seus elementos principais à medida que a tentativa crítica se desenvolvia: a arqueologia do texto, se fosse possível, não permitiria ver nascer um “*homo criticus*”, cuja estrutura diferiria no essencial do homem que a precedeu? Isto significa que a Crítica, ao seu caráter próprio de “propedêutica” à filosofia, acrescentaria um papel constitutivo no nascimento e no devir das formas concretas da existência humana. Haveria certa verdade crítica do homem, filha da crítica das condições de verdade (*Ibid.*, pp. 17-18).

A suposição é dupla: de um lado, uma “imagem concreta” do homem estaria por trás do projeto crítico, orientando-o, imagem esta que teria sido desdobrada nesse que é o último texto publicado por Kant. No entanto, é possível também que as modificações pelas quais o texto da *Antropologia* passou, às quais Foucault atribui grande importância, tenham sido ditadas por exigências próprias da Filosofia Crítica – daí a importância que Foucault dá, na primeira parte de sua Introdução, às questões de datação da composição do texto kantiano.

Foucault reconhece que se trata de níveis de reflexão inteiramente distintos, o de uma “propedêutica” da filosofia, de um lado, e aquele das descrições das formas concretas da existência humana, de outro, o que, de início, invalidaria, uma tentativa de analogia. Mas indica também que as relações entre poder (*können*), dever (*sollen*), e mesmo a ideia de liberdade do homem como parte de um mundo enquanto “universal concreto” – deter-

minado por normas jurídicas, mas ao mesmo tempo pertencendo ao domínio universal da moral (*Ibid.*, 2011, p. 36) –, podem ter sido fundamentais para o desenvolvimento da própria Crítica. Por outro lado, haveria na *Antropologia* mais do que meras descrições empíricas, o que também seria resultado da “surda” presença da Filosofia Crítica no texto de 1798, como uma espécie de fiadora da investigação acerca das fontes, do âmbito de atuação e dos limites do saber da razão humana sobre o homem.

A *Antropologia* abriria assim espaço para dois domínios de reflexão que se ocupam das formas e estruturas que relacionam o ser do homem com o mundo, e nesse sentido ela se caracterizaria como pragmática e sistemática:

Uma doutrina do conhecimento do ser humano sistematicamente composta (antropologia) pode ser tal do ponto de vista fisiológico ou pragmático. – O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a natureza faz do homem; o pragmático, o que ele faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente (Kant, 2006, p. 21).

O nível fisiológico, apesar de não ser objeto dessa pragmática, não chega a ser descartado por ela. Com efeito, Kant dedica um espaço considerável a considerações sobre o corpo humano. Foucault salienta o fato de haver em Kant uma espécie de cuidado com o corpo, que aparece também no *Conflito das faculdades* (1798) sob o nome de dietética, uma espécie de propedêutica que resulta do uso da faculdade da razão sobre o da medicina e cujo princípio é o equilíbrio do corpo pela abstenção dos gozos, com vistas à manutenção da saúde. O meio através do qual tal equilíbrio pode ser encontrado evocará a figura da mente ou ânimo (*Gemüt*). As correspondências com o médico alemão Christophe Hufeland exploradas na tese mostram, diz Foucault, um Kant menos preocupado, àquela altura, com problemas de Filosofia Crítica, e mais envolto com sua própria condição de saúde, ocupado em investigar as possibilidades de evitar a doença através da

resolução do espírito (Foucault, 2011, p. 38).

No entanto, cabe a essa investigação antropológica de cunho pragmático tomar o homem sobretudo como ser que age livremente, suplantando as determinações naturais. Desenvolve-se assim o domínio do “originário”, aquele que se ocupa das descrições não da mera existência empírica humana, mas das *formas* de suas manifestações concretas, e o do “fundamental”, enquanto “descrição das estruturas de transcendência que relacionam o ser finito no mundo”. (Candiotti, 2006, 194) Esses dois âmbitos de investigação manteriam relações com aquele exclusivo da filosofia crítica, o domínio do *a priori*, que investiga, segundo o autor francês, tão somente as condições do conhecimento e as relações entre espontaneidade e passividade no âmbito do conhecimento (Foucault, 2011, pp. 64 e 94).

O diagnóstico de Foucault a partir do exame desses domínios, implicados na investigação sobre o homem, tal como concebida por Kant – seja no que diz respeito ao que ele faz, no sentido pragmático, seja quanto ao exame das condições de possibilidade de seu conhecimento e de efetividade de sua vontade –, é que o caminho aberto pelo filósofo alemão aponta para a importância de cada um desses sentidos, sem que, contudo, se deva confundir-los. Ora, a filosofia contemporânea – dialética ou fenomenológica – da época em que Foucault escreve teria esquecido a “lição kantiana” e confundido esses domínios, na expectativa de suplantar esta divisão e empreender um conhecimento total do homem, um conhecimento que, segundo Foucault, reduplica o empírico no transcendental e julga poder identificar as condições de possibilidade da própria existência humana: “Designada sob seu próprio nome, ou oculta sob outros projetos, a *Antropologia*, ou pelo menos o nível antropológico da reflexão, tenderá a alienar a filosofia” (*Ibid.*, p. 95). É nesse sentido que a *Tese Complementar* engendra o que será desdobrado no sentido da crítica às ciências humanas em *As palavras e as coisas*, tal como observado pelos apresentadores da edição francesa e também pelos da tradução brasileira. Esse

movimento é designado por Foucault como uma “reduplicação empírico-transcendental”, atrelada ao “postulado antropológico” que inaugura o pensamento moderno a partir de um discurso que permite “analisar o homem como sujeito, isto é, como lugar de conhecimentos empíricos, mas reconduzidos o mais próximo possível do que os torna possíveis, e como forma pura imediatamente presente nesses conteúdos” (*Id.*, 2007, p. 442).

Com o intuito de mostrar a transversalidade do tema da antropologia no pensamento de Kant, Foucault ultrapassa o domínio das relações antropológico-críticas afirmando que a *Antropologia* só se torna possível do ponto de vista do acabamento da Crítica no sentido da realização de uma filosofia transcendental, como indica aliás uma passagem da *Lógica* de Kant. “De um ponto de vista *weltbürgerlicher* (como “cidadão do mundo”), o campo da filosofia se desdobra em quatro questões: 1) O que posso saber? ; 2) O que devo fazer? ; 3) O que posso esperar? ; 4) O que é o homem? À primeira pergunta, responderia a Metafísica, à segunda, a Moral, à terceira a Religião, à quarta, a Antropologia. Em suma, se poderia fazer decorrer todas as outras da última, pois que todas se relacionam com ela” (Kant, 1923, p. 25). O objetivo da *Antropologia* não é responder à quarta questão, diz Foucault. Ela não representa nem mesmo o desenvolvimento da parte empírica envolvida nesta questão. O sentido que a própria *Antropologia* ganha como investigação filosófica do homem, em relação a uma pergunta tão fundamental, só se daria retrospectivamente, no momento do desenvolvimento do *Philosophieren* como um todo, considerando-se a própria *Lógica* e o *Opus Postumum* (Foucault, 2011. p. 67).

Herdeira de uma “antropologia nova” – denominação de Foucault a determinados textos antropológicos empírico-descritivos que, ao final do século XVIII colocam-se como crítica ao mecanicismo cartesiano – e constituindo-se como ciência de determinadas relações (entre corpo e alma; entre interior e exterior; entre conhecimento e conhecimento de si), a antropologia enquanto conhecimento do homem em geral é a um só tempo

reduzora (uma vez que não considera o que o homem sabe de si mesmo sem que se tenha passado pela mediação da *physis*) e normativa (uma ciência do corpo animado que se dirige sempre ao seu “bom funcionamento”): em certa medida, ela é a “ciência do normal por excelência” (*Ibid.*, p. 103). Na investigação acerca dessa “imagem concreta do homem” a que Foucault alude no início da tese, parece estar subjacente a crítica a uma espécie de *normalização*, implícita, por sua vez, na descrição das formas concretas da existência humana bem como na orientação de uma liberdade que concebe o homem como capaz de fazer algo de si mesmo, mas indicando já, de alguma maneira, o caminho do equilíbrio e da retidão. Este elemento normalizador está intrinsecamente relacionado à atuação da mente ou ânimo (*Gemüt*), que, como sugere Kant desde a *Crítica do Juízo*, responde pelo controle do sujeito empírico-transcendental sobre o corpo e seus apetites. Essa reflexão original de Foucault mostra a que ponto a sua reflexão é animada pela de Georges Canguilhem, não por acaso seu orientador.

Podemos agora retornar ao nosso ponto de partida e avaliar a importância, para o pensamento de Foucault, dessas considerações sobre Kant, desenvolvidas na aurora de sua carreira filosófica. Parece-nos que ela é inquestionável. Pois se, de um lado, a *Antropologia* de Kant teria aberto o caminho rumo a uma “verdade antropológica”, decorrente da confusão entre o domínio do empírico e do transcendental na investigação sobre o homem, verdade esta fadada à não-verdade, pela finitude de seu fundamento; de outro lado, por se desenvolver sob um ponto de vista pragmático, ela deixa também aberto ao homem o uso de sua liberdade, e a possibilidade de ele fazer algo de si mesmo, livremente, ou à revelia dos constrangimentos que inevitavelmente moldam a sua subjetividade. Portanto, algo que à primeira vista poderia ser tomado como uma mudança de posição por parte de Foucault – a necessidade de superar Kant e ir além dele –, pode ser compreendido como o reconhecimento de que é possível encontrar, dentro

da própria inclinação antropológica do saber, as condições para ultrapassar essa mesma inclinação, na medida em que nos considerarmos, para além de indivíduos assujeitados, também como seres de atuação livre.

Referências bibliográficas

CANDIOTTO, C. “Michel Foucault e o problema da antropologia”. In: *Revista Philosophica*, Paris, v. 29, 2006, pp. 183-197.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tamus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KANT, I. *Logik*. In: *Kant's Gesammelte Schriften*, v. 7, Berlin : W. de Gruyter, 1923.

_____. *Anthropologie d'un point de vue pragmatique*. Trad. M. Foucault. Précédé de M. Foucault, *Introduction à L'Anthropologie*. Paris: Vrin, 2008.

_____. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Clélia Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

